ERICEIRA
WORLD SURFING RESERVE



UM PATRIMÓNIO QUE NOS DEFINE

MENSAGEM DA CÂMARA MUNICIPAL DE MAFRA

Mais do que esculpir na rocha o passar do tempo, com força e voracidade, as ondas do Concelho de Mafra têm moldado a personalidade das suas gentes, influenciando as vivências das comunidades e reescrevendo muitas *estórias* enraizadas na tradição local. Por isso, constituem um inequívoco factor de originalidade e singularidade do seu território, cuja valorização assegura uma oferta diferenciada e exclusiva.

A consagração deste insubstituível e frágil recurso patrimonial como "Reserva Mundial de Surf" representa, para o Município de Mafra, muito mais do que o reconhecimento internacional das suas qualidades naturais e da sua vocação sociocultural: é uma homenagem às gentes do mar que, ao longo de séculos, tiveram o mérito de o enaltecer; e é, sobretudo, a assunção de uma responsabilidade na sua preservação, assegurando que este valioso património universal possa continuar a ser usufruído, na sua plenitude, pelas gerações vindouras – assim como o fizeram os pioneiros do surf em Portugal, que tiveram como bênção descobri-lo.

O PAÍS QUE, A PARTIR DO MAR, DEU "NOVOS MUNDOS AO MUNDO" ASSUME HOJE UM PAPEL MULTIFACETADO.

E preservar é sinónimo de protecção da natureza, planeamento e ordenamento do território, oferta turística sustentável, educação ambiental, entre outros vectores fundamentais de um desafio alargado. Daí que esta responsabilidade exija, indiscutivelmente, um trabalho colectivo, envolvendo as entidades com competências na gestão do território, mas também a própria comunidade: associações locais, escolas de surf, empresas do sector, praticantes e cidadãos anónimos.

O país que, a partir do mar, deu "novos mundos ao mundo" assume hoje um papel multifacetado. É, simultaneamente, guardião das suas ondas e promotor de novos usos (dos quais o surf é o exemplo paradigmático) que tão bem combinam o desenvolvimento sustentado com a criação de novas oportunidades.

A Câmara Municipal de Mafra continuará, como sempre, a assumir o firme compromisso de contribuir para a elevação das condições infra-estruturais da costa marítima, em respeito pela natureza, assim permitindo a sua plena e adequada fruição. Paralelamente, pretende afirmar-se como o dinamizador de uma rede alargada para preservação, valorização e promoção turístico-desportiva da faixa costeira distinguida com o estatuto de "Reserva Mundial de Surf".

Afinal, é o património – esse ancestral sedimento de vivências – que explica o que somos… e o que queremos ser!



Fotos: Ricardo Bravo



Foto: DA Simões







SURFAR LOCALMENTE SALVAR GLOBALMENTE

AS RESERVAS MUNDIAIS DE SURF E O NASCIMENTO DE UMA NOVA LÓGICA AMBIENTAL

Por Manuel Castro

As Reservas Mundiais de Surf (RMS) representam um compromisso de identificação e preservação das zonas de surf mais extraordinárias do nosso planeta, bem como os habitats que as rodeiam. Seguindo, de modo criterioso, padrões estabelecidos pelo Programa do Património Mundial da UNESCO e das reservas de surf australianas, o conselho internacional das Reservas Mundiais de Surf estabelece parcerias com surfistas e ambientalistas locais para assim selecionar, consagrar e ajudar a gerir a sustentabilidade de zonas de ondas de qualidade fora de série um pouco por todo o planeta.

O processo de classificação de RMS passa por quatro fases: nomeação, seleção, consagração e gestão. A elegibilidade baseia-se numa série de critérios rigorosos: a qualidade e a consistência das ondas na zona de surf em questão; a riqueza e a sensibilidade ambiental da mesma; a importância das ondas para a cultura de surf local e respetiva história; e, por fim, o apoio da comunidade local. Quando uma zona de surf é selecionada, o conselho internacional das RMS procura orientar os locais na formação de um grupo de acompanhamento para desenhar um plano de gestão que lhe permita, daí em diante, agir como guardião dessa reserva.

O ESTATUTO DE RMS CONFERE UMA LÓGICA COMUNITÁRIA, ESTRUTURAL E FUNCIONAL A UM MUNDO ORGÂNICO QUE VIVE ENTRE A HIDRODINÂMICA, A GEOLOGIA, A BIOLOGIA, A GEOGRAFIA, AS PESSOAS QUE VIVEM O SURF E AS QUE SE INSPIRAM NO FÉRTIL IMAGINÁRIO DA PRAIA

As RMS são um programa de consciencialização, um veículo que comunica o valor essencial de uma onda à sua comunidade local e ao resto do mundo. A partir da consagração como reserva, os locais passam a dispor de uma ferramenta pública que devem usar para proteger as suas ondas.

O estatuto de RMS confere uma lógica comunitária, estrutural e funcional a um mundo orgânico que vive entre a hidrodinâmica, a geologia, a biologia, a geografia, as pessoas que vivem o surf e as que se inspiram no fértil imaginário da praia. E é precisamente às pessoas – a todos nós – que cabe o passo seguinte. Proteger este magnífico património tem de ser matéria de obrigação para os cidadãos-surfistas. Não basta usufruir exclusiva e desinteressadamente do privilégio. Não estamos somente a partilhar com o mundo algo de muito especial, único e terrivelmente vago. Esta pode ser uma prenda para ajudarmos a salvar o mundo. E nesta ambiciosa afirmação não reside abstração nenhuma.

"As Reservas Mundiais de Surf não são mais do que surfistas a salvar o mundo, uma onda de cada vez", defende o autor Drew Kampion no manifesto da primeira RMS, em Malibu, Califórnia. É essa a essência projetada no paradigma das RMS, onde se arruma o património natural e humano; a beleza e a perfeição; a qualidade e o valor. Podia ser em e com qualquer lugar do mundo, e a plataforma de reservas que se pretende criar pode constituir uma rede de colaboração vanguardista na defesa do património ambiental global. Acima de tudo, porque conta – tem de contar – com a paixão e a irredutibilidade destes ativistas que têm toda a competência para tomar esta responsabilidade em mãos: os surfistas. "Haverá alguma outra plataforma global de indivíduos tão atentos, persistentes, ambientalmente conscientes e igualmente versados na arte de se mover por entre variáveis, ultrapassar adversidades e apreciar a raridade da 'nomeação', 'consagração' e 'conservação', que possa ajudar a salvar o mundo?", interroga-se Drew Kampion no mesmo documento.

A certificação do valor inequívoco de uma região costeira em linha com princípios universais como a preservação, a sustentabilidade, a conservação e a celebração cultural, e o posterior lançamento numa rede vasta destas mesmas regiões começa com um pequeno gesto local mas pode, de facto, tornar-se num movimento global. "Cada monumento (onda) local é um símbolo de um monumento ainda maior que é a rede global da Reservas Mundiais de Surf. Estas estarão daqui em diante dedicadas ao benefício das gerações presentes e futuras", desafia Kampion. O primeiro passo está dado. Então, de que é que estamos à espera para começar a salvar o mundo?





Fotos: Ricardo Bravo





Tiago Oliveira, Coxos.



José Gregório, Pedra Branca.



Fotos: Ricardo Bravo

PORQUÊ IR LONGE QUANDO TEMOS TÃO PERTO?

PELA PRESERVAÇÃO DO NOSSO ESPAÇO DE CONVERGÊNCIA

O ser humano necessita de espaço e tempo para contemplar a vida que tem em si. Muitas e variadas formas existem para o fazer. O desporto é a saída para uns, a literatura ou a música serão a de outros, e há também os que descobrem essa essência na Natureza, junto da comunidade dos crentes, nas suas hortas ou jardins. Existem, no entanto, aqueles que encontram lugar conjugado no desporto e na Natureza – no oceano. No mar, bebendo da tranquilidade dos tons e dos sons, relacionando-se com os outros, medindo-se a si mesmo.

Para quem vê de fora trata-se de algo sem importância e desprovido de qualquer sentido. Para aqueles que estão por dentro, novos, pouco novos ou velhos, a coisa toma matizes vitais para o equilíbrio interior. A questão da medição não é inocente. O mar, no seu silêncio, ensina ao Homem a humildade revelando-lhe a sua real dimensão.

Esta forma de estar pode ser perspetivada de vários ângulos. A vertente económica, com a pressão comercial e financeira a incentivar o consumo, conduzindo à utilização por vezes abusiva da Natureza. A vertente desportiva, que tendo inúmeros aspetos positivos, com uma frequência acima da desejável se confunde com a económica. A vertente amadora, que reúne os amigos e a família. E, finalmente, a vertente ambiental, profundamente marcada por um contacto intenso com as forças dos elementos.

Independentemente do nível de identificação e vivência que cada um de nós estabelece com qualquer destas abordagens ao antigo desporto polinésio, cremos ser nas duas últimas experiências que todos convergimos, criando a cultura da sintonia entre desporto, natureza, convívio, partilha. Essa é a essência do surf: um ponto de convergência, um sítio de encontro, um lugar onde se cumpre a necessidade de tempo e espaço de que falávamos acima.

O surf… a procura incessante daquela onda. Viajamos, de prancha debaixo do braço ou em sonhos, em busca de ondas protegidas, desconhecidas, inseridas em ambientes não alterados pelo homem. Deambulamos por ilhas distantes, países remotos, procurando usufruir de tempo e espaço não contaminados pelo desenvolvimento sem freio das sociedades onde estamos inseridos. Mas, afinal estamos no lugar que procuramos.

Estando cá ou chegando, todos nos apaixonamos, querendo mais e mais, porque aqui também encontramos aquela onda, usufruindo em comunidade da sorte com que a Natureza nos regalou e nos proporciona, em tão curto espaço para tantas emoções.

O SURF… A PROCURA INCESSANTE DAQUELA ONDA. VIAJAMOS, DE PRANCHA DEBAIXO DO BRAÇO OU EM SONHOS, EM BUSCA DE ONDAS PROTEGIDAS, DESCONHECIDAS, INSERIDAS EM AMBIENTES NÃO ALTERADOS PELO HOMEM.

É esta excelência, agora reconhecida como Reserva Mundial de Surf, que todos queremos manter e preservar, para que todos possamos dela usufruir e garantir que as gerações vindouras também o possam fazer. A comunidade cresce, de locais e visitantes, de geração em geração, devendo a consciência da sustentabilidade também crescer, sendo esse o mote para que a riqueza natural das nossas ondas se mantenha e os nossos filhos e netos possam um dia contar as mesmas histórias, as mesmas ondas e as mesmas emoções, partilhando-o com quem nos visita.
Devemos, por isso, todos juntos ser a Reserva Mundial de Surf para que o bailado aquático se perpetue.

Associação dos Amigos da Baía dos Coxos

TOM AZUL DE PRATA

O ERICEIRA SURF CLUBE NA ERA DA RESERVA MUNDIAL

Em 1992, ano da fundação do Ericeira Surf Clube, havia muitas ideias soltas, muitos sonhos e, principalmente, muito amor pelo desporto e pelas ondas da nossa região. O surgimento do clube foi, essencialmente, um ato de afeto e de respeito pelo mar, e também de muita dedicação e celebração da profunda cultura marítima onde estamos inseridos e da qual somos herdeiros e seguidores. Desde o início, o Ericeira Surf Clube procurou passar os valores dessa valiosa herança às gerações vindouras.

PARA NÓS, TRANSMITIR A ALGUÉM A EXPERIÊNCIA DE "FAZER UMA ONDA", É MAIS DO QUE ENSINÁ-LA A PÔR-SE DE PÉ E A "CORTAR A PAREDE"

A criação do Ericeira Surf Clube veio ajudar-nos a concretizar os nossos sonhos e desejos através da prática e divulgação de desportos no meio aquático, e também de um conjunto de premissas que envolviam não só o desenvolvimento e promoção da vida desportiva mas, de igual modo, a defesa do tesouro geográfico e ambiental com que fomos presenteados. Para nós, transmitir a alguém a experiência de "fazer uma onda", é mais do que ensiná-la a pôr-se de pé e a "cortar a parede". É explicar-lhe a paz de espírito que advém desse ato, é incutir-lhe o enaltecimento da natureza e incentivá-lo na luta pela sua preservação. A honrosa atribuição da designação de Reserva Mundial de Surf a esta região vem confirmar que todas as nossas ações de divulgação, por meio de eventos desportivos ou de ações de sensibilização ambiental, deram frutos.

O Ericeira Surf Clube vem agora assumir a sua responsabilidade de parceiro nesta aventura invulgar, onde os valores de comunhão com o mar, que estão na sua génese, se concretizam. Este compromisso irá projetar, sem sombra de dúvida, um novo rumo à forma como encaramos o meio aquático, ajudando a sublinhar a sua importância para todos os que o amamos e idolatramos e, simultaneamente, alertando aqueles que não o vivem da mesma forma que nós. Na honrosa função que nos foi atribuída de parceiros ativos da manutenção e preservação da Reserva, plasmamos todos os nossos ideais de comunhão, dedicação e defesa destes sete tesouros em forma de ondas, tão invulgares na nossa costa, e que nos permitiram ser participantes do testemunho que queremos legar às gerações vindouras.

Deixamos ainda uma palavra de motivação a todos aqueles que tiram partido do meio aquático e que fazem dele a sua segunda casa: não hesitem em convidar estranhos a entrar e a mostrarem a "prata da casa", pois que melhor mestre de cerimónias que os seus "donos" para mostrar o verdadeiro espírito em que assentam os valores da tribo das ondas? Para aqueles que só agora tiveram a noção da riqueza que detemos, que fomentem e não deixem esmorecer os princípios da preservação, da sustentabilidade, da gestão e da celebração cultural sobre os quais assentam a criação das Reservas Mundiais de Surf. Com isto em mente, arriscamos mesmo dizer que, neste nosso/vosso pedaço de terra, as ondas são realmente mais azuis.

A todos os que acarinharam e desenvolveram este projeto desde o início e que o materializaram na sua consagração, os nossos sinceros agradecimentos.

Ericeira Surf Clube





Tomás Fernandes
Foto: carlospintophoto.com



André Abrantes
Foto: Arquivo pessoal



Mica Lourenço
Foto: Ricardo Bravo



Miguel Fortes
Foto: Ricardo Bravo



Felipe Valadão
Foto: Arquivo pessoal



Felipe Henriques
Foto: Ricardo Bravo

MARINHEIRO É ARTE, PESCADOR É OFÍCIO, SURFISTA É OUTRA COISA...

A transformação das relações entre o homem e o mar na região da reserva

por João Valente

"Nesse ponto, a boiar quase invisível,
Com a morte à vista a todos os momentos
O homem, das ondas em refrega horrível,
Afronta a imensidade e os elementos"

Mendes Leal, "Mare Magnum!, Ericeira 1857





Arquivo pessoal P. Inocentes

Paulo Inocentes, Reef,
década de 80.







Quando José da Silva Mendes Leal (1820-1886) escreveu o seu poema Mare Magnum!, não por acaso encontrava-se na Ericeira, que, em meados do século XIX, era já uma procurada estância balnear devido à riqueza mineral das suas águas e rochedos e à beleza das suas praias. Não sabemos exatamente em que altura do ano o escritor e diplomata lisboeta esteve na região, mas é fácil imaginar as visões que o inspiraram, pois não há quem passe algum tempo nesta costa e não sinta o magnetismo do oceano, a atração do abismo e o perigo iminente que paira sobre aqueles que nele se aventuram. E se hoje até os surfistas se encolhem naqueles dias em que os elementos parecem conjurar para que a fúria do oceano desabe sobre as praias e falésias que bordeiam o litoral da agora Reserva Mundial de Surf, imaginem-se os sentimentos que acossavam uma população feita de pescadores, marinheiros e familiares destes que, aflitos, sabiam que o nascer de cada dia carregava a ameaça sobre os filhos da sua terra.



UMA TRADIÇÃO MILENAR

Desde que a Ericeira é terra, que é terra de gentes do mar. Quer se confirme ou não a muito provável passagem dos fenícios por estas bandas, cerca de 1000 a.C., quer se comprove que a origem do seu nome esteja surpreendentemente ligada aos ouriços-cacheiros e não aos ouriços-do-mar, como seria mais lógico, o facto indesmentível é que os seus habitantes se encontram desde sempre identificados com as vivências ligadas ao oceano, sendo os surfistas os mais recentes descendentes duma longa linhagem de homens e mulheres que, cada qual com os seus motivos, cada qual com os seus desígnios, foi encontrando nesta costa brava o sentido da sua vida, a razão da sua existência.

É da primeira carta de foral, em 1229, que constam as mais antigas alusões aos pescadores jagozes, designação para os nativos desta terra que, nessa altura, constituíam mesmo uma etnia distinta das povoações vizinhas. E se as origens da tradição piscatória se perdem no tempo, prolongando-se até aos dias de hoje, as razões de navegação que ao longo dos séculos se foram estabelecendo na vila que agora empresta o nome à Reserva Mundial de Surf foram bastante além dessa atividade económico-marítima, tendo a Ericeira, no século XIX, constituído mesmo o mais importante porto da província da Estremadura e o quarto mais movimentado do país, atrás somente de Lisboa, Porto e Figueira da Foz.

Nessa altura, a então ainda pequena vila foi lar de um respeitável núcleo de oficiais e capitães que tiveram à sua ordem importantes veleiros, como o célebre Cutty Sark, no período em que o clipper britânico, então rebatizado de Ferreira, foi propriedade da companhia portuguesa de transportes marítimos Joaquim Antunes Ferreira e Cia. Segundo afirma José Caré Júnior em Memórias da Ericeira Marítima e Piscatória, (Mar de Letras, 2000), havia mesmo um conceito de hierarquia que distinguia os homens do mar, separando as tripulações dos barcos de comércio, praticantes da "arte de marear", daqueles que se dedicavam à lida do peixe. Daí que se tenha criado a expressão "marinheiro é arte e pescador é ofício". Os surfistas vieram adicionar um novo elemento a esta fórmula.

A MUDANÇA DE UM PARADIGMA

Tendo rapidamente reconhecido nas longas lajes de rocha e no recorte acidentado da geografia costeira da região as condições ideais para a formação das suas ondas de qualidade ímpar, estes novos homens do mar – e mulheres, convém frisar, e por razões bastante mais importantes que qualquer espécie de correção política – têm ajudado a dar continuidade à tradição milenar que caracteriza esta terra e, ao mesmo tempo, transformar de modo profundo a forma como o mar é instintivamente percebido, culturalmente visto e economicamente valorizado.

Como é comum nas terras de forte tradição marítima, a relação das gentes locais com o oceano é feita de amor e dor, de esperança e temor, de exultação e mágoa. Também na obra acima citada, José Caré Júnior dedica um capítulo inteiro à história trágico-marítima da Ericeira, compilando uma longa lista de naufrágios ocorridos tanto em alto-mar como à entrada do porto local. São relatos verídicos de vida e morte que assombram a população, e cuja angústia Luís Augusto Palmeirim (1821-1893) tão bem evocou nas suas Cartas da Ericeira, citadas na excelente compilação organizada por Sebastião Diniz em Ericeira, Um Lugar na Literatura (Mar de Letras, 1997), ao narrar "(...) os terrores que



Foto: Ricardo Bravo



Foto: Ricardo Bravo



Pedro Martins de Lima, filho do primeiro surfista português, nos Coxos em 1977 no dia a seguir ao mar ter partido o molhe do porto da Ericeira



1990. Tom Curren em Ribeira D'Ilhas a caminho do seu terceiro titulo mundial.

sobressaltam as famílias, quando, pelas horas mortas das noites frigidas de novembro, o mar vem encapelado quebrar-se de encontro aos rochedos, ou, galgando as arribas, murmurar ameaças aos ouvidos dos que trazem alguém da sua gente longe do lar doméstico." No centro dessa angústia estão as ondas, exatamente esse misterioso e fascinante fenómeno natural que nos traz a este momento de celebração, de apogeu de toda uma gloriosa história dedicada ao mar.

Quão paradoxal, sacrílego até, deverá o ato de deslizar sobre ondas soar aos ouvidos de quem se habituou a ver nessas traiçoeiras manifestações de forças distantes o inimigo a evitar, o perigo omnipresente, o guardião de um reino proibido no qual somos sempre intrusos e nunca habitantes, por mais tempo que lá passemos, por mais dedicação que lhe dispensemos. Quão improvável o corredor de vagas deverá parecer a todos os que têm tido uma histórica relação de amor, sem dúvida, mas essencialmente utilitária do mar, que tenha sido uma atividade lúdica, inútil no seu âmago, a conquistar para a sua terra uma classificação tão prestigiosa e tão necessária para a preservação desse inestimável património vivo. As ondas não alimentam. As ondas não ajudam à navegação ou à pesca. As ondas não servem outro propósito que não o da diversão efémera e sem finalidade aparente desses seres que passam horas no meio delas e que dali nada retiram nem dali nada levam para casa. Se o marinheiro é arte e o pescador é ofício, o que é o surfista?

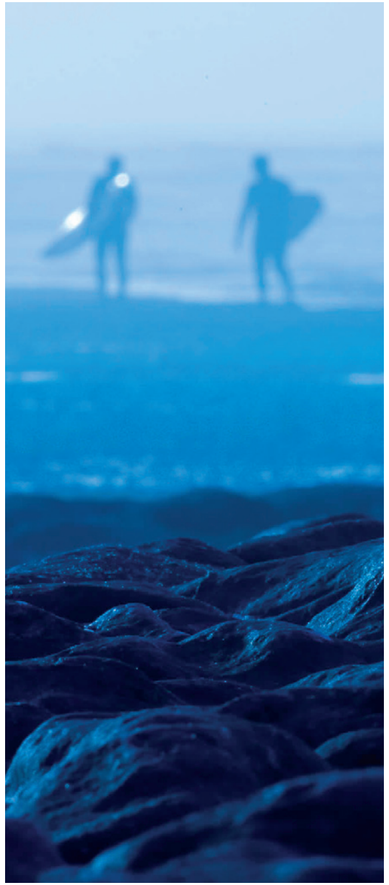
COMO É COMUM NAS TERRAS DE FORTE TRADIÇÃO MARÍTIMA, A RELAÇÃO DAS GENTES LOCAIS COM O OCEANO É FEITA DE AMOR E DOR, DE ESPERANÇA E TEMOR, DE EXULTAÇÃO E MÁGOA.

A COMUNIDADE DAS ONDAS

Como nenhum outro trecho do litoral português, a Ericeira – e aqui, por justiça jurisdicional, incluam-se as freguesias de Santo Isidoro e Encarnação, onde também estão localizadas algumas das ondas abrangidas pelo território da Reserva – atraiu e cativou esse novo frequentador dos mares, praticante e pregador dessa diferente relação estabelecida entre o homem e o imenso meio líquido que dá cor e vida ao planeta, com origem em povos pouco conhecidos, oriundos de outros oceanos. E quando se diz atrair, é para que se faça a distinção entre os sítios que geram comunidades de surfistas por mera consequência sócio-geográfica – a adesão dos locais a uma atividade emergente para a qual a zona apresenta condições meramente favoráveis – daqueles que devido às suas características excecionais encantam os forasteiros, seduzem-nos e, como sereias a entoar os seus cânticos fatais, agarram-nos para não os deixarem mais escapar.

Os primeiros eram estrangeiros de facto, que vinham de países longínquos e se deixavam ficar enquanto as ondas durassem, ou não fossem eles atraídos pelos cantos de sereias mais distantes. Logo se seguiram outros "estrangeiros", estes mais próximos, oriundos de outras praias deste Portugal que começava aos poucos a descobrir a magia do desporto dos reis polinésios, e que rapidamente adotava as baías e as lajes de pedra da região como espaço privilegiado de prazer e desafio. Curtas visitas transformaram-se em estadias e estas fizeram-se temporadas, prolongando-se ao ponto de inverterem o sentido de casa, fazendo dos antigos visitantes novos habitantes. A estes foram-se juntando naturais da vila e aqueles que, não sendo jagozes de sangue, aqui tinham raízes bem fincadas através de gerações de frequência e entrega apaixonada. Todos ajudaram a formar a comunidade que agora se mobilizou neste gesto de retribuição às ondas que lhes moldaram a vida e que, nalguns casos, lhes deram um meio de subsistência.

Os surfistas, sendo dentre os utilizadores do mar aqueles que com ele têm a menos utilitária das relações, ao transformarem o temor das ondas em amor, a repulsa em atração, operaram uma mudança fundamental no paradigma da relação entre o homem e o oceano. A natureza violenta deste litoral, que tanta ansiedade causou, e causa, às demais gentes do mar nesta terra de gente do mar, transformou populações, paisagens e economia. O desafio continua lá, intacto, convidando os mais audazes e habilidosos a testarem os seus limites e a sua destreza nesse verdadeiro bailado aquático que é o deslizar sobre as ondas. As ondas que agora são, merecidamente, Reserva Mundial. Porque aqui há arte, há ofício, e há também a espiritualidade que se materializa na comunhão efémera, desinteressada e brincalhona dos elementos em sintonia desta natureza exuberante.



COM SETE ONDAS SE FAZ UMA RESERVA

"Se os mares são só sete, há mais terra do que mar..."
Sete Mares — Sétima Legião

Somente quando consideramos todas as variáveis necessárias para a formação de uma onda de qualidade extraordinária, como as que constituem a Reserva Mundial de Surf da Ericeira, é que adquirimos verdadeira consciência do fenómeno da natureza que estas constituem. A fórmula composta por ângulos de exposição ao mar e de inclinação do fundo somados a vetores de velocidade e potência é tão complexa, que mesmo o mais descrente dos surfistas é tentado a ver qualquer coisa de divino quando está diante de uma dessas ondas a funcionar em toda a sua plenitude.

Os escassos quilómetros abrangidos pela Reserva da Ericeira são mais do que uma zona privilegiada para usufruto dos praticantes dos desportos de ondas: são um verdadeiro património da humanidade, agora devidamente consagrados a esse nível de reconhecimento com a atribuição do estatuto de reserva mundial, passível da observação e admiração de toda a população, independentemente do seu grau de envolvimento com as modalidades que nelas são praticadas.

Nas páginas a seguir, encontra-se uma descrição pormenorizada de cada uma dessas ondas, para que melhor se possa compreendê-las, contemplá-las e protegê-las.

Textos e classificações elaborados por responsáveis do Movimento SOS — Salvem o Surf
A classificação "Nível de Surfista LIVRO7", presente nas descrições das ondas da Reserva, refere-se aos níveis desenvolvidos na Metodologia 7, publicada no "LIVRO7 - Como Ser Surfista", da autoria de João de Macedo, e reconhecida pela Federação Internacional de Surf (International Surfing Association - ISA). O método baseia-se em sete manobras-base, cujo domínio progressivo determina o grau de evolução de um surfista, a saber: curvas S, floaters, bottom-turns, cutbacks roundhouse, top turns, aéreos e tubos.

Segundo o estudo *Recreational Surf Parameters* de J. R. Walker (Universidade do Havai, Departamento de Engenharia Oceânica, Honolulu, 1974) o conceito de ângulo de rebentação é definido pelo ângulo formado entre a crista da onda e a linha de rebentação. Baseado nesta classificação, o ângulo de rebentação ideal de uma onda deve situar-se entre os 60° e 30° (Muilwijk, 2005), uma escala regressiva que corresponde a surfistas de nível iniciado (60°) até surfistas de níveis avançados (30°).

Fotos: Ricardo Bravo

Foto: Ricardo Bravo

PEDRA BRANCA

A primeira onda que encontramos mesmo em frente ao Parque de Campismo da Ericeira é a Pedra Branca, localizada na ponta sul da Praia da Empa, e assim apelidada por causa de uma pedra submersa, de tom mais claro que as demais, localizada na zona onde as ondas normalmente são apanhadas. É uma esquerda muito rápida de fundo de recife que recebe ondulações desde o quadrante SO ao quadrante W/NO. Devido à rasa bancada do recife que fica exposto durante a maré vazia, é normalmente surfada desde a meia maré a encher até à maré cheia. Regular e perigosa esta onda é caracterizada por uma zona de arranques rápidos, seguidos de um tubo até ao inside.

Tipo de onda: esquerda rápida, potente e tubular
Tipo de fundo: recife
Condições de maré: meia maré enchente
Condições de ondulação: de SO a O/NO
Condições de vento: Desde SE a NE
Consistência: +++
Ângulo de rebentação: 40°
Comprimento da linha de rebentação: 50 a 100 metros
Altura das ondas: 0,5 a 2,5 metros
Tipo de rebentação: mergulhante
Nível de prática LIVRO7: 6 – Surfistas com capacidade de completar com controle as 7 manobras e estar à vontade debaixo de água em ondas poderosas de pelo menos 2 metros.


Foto: A. Carvalho


Foto: R. Bravo


Foto: A. Carvalho

REEF

Continuando pela praia da Empa, que faz fronteira por uma pequena falésia, encontramos a 300 metros para Norte a irmã gémea da Pedra Branca, uma onda a que se chama de Reef. Esta direita é formada a partir de uma placa de recife muito plana que se desenvolve em terra e vai ficando mais funda no seu desenvolvimento na direção de NO. Esta é outra onda regular e perigosa que tem uma zona muito curta e rápida de take-off, seguida de um tubo cilíndrico que acaba exatamente na placa exposta à superfície no inside. Só trabalha com ondulações de N a NO, com meia maré.

Tipo de onda: direita rápida, potente e tubular
Tipo de fundo: recife
Condições de maré: meia maré
Condições de ondulação: NO/N
Condições de vento: de SE a NE
Consistência: ++
Ângulo de rebentação: 35°
Comprimento da linha de rebentação: 30 a 70 metros
Altura das ondas: 0,5 a 1,5 metros
Tipo de rebentação: mergulhante
Nível de prática LIVRO7: 6 – Surfistas com capacidade de completar com controle as 7 manobras e estar à vontade debaixo de água em ondas poderosas de pelo menos 2 metros.


Foto: A. Carvalho


Foto: R. Bravo

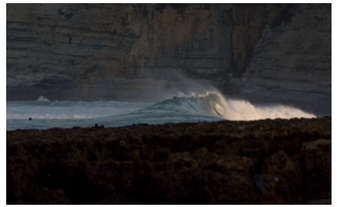

Foto: R. Bravo


Foto: André Carvalho

RIBEIRA D'ILHAS

Andando 500 metros para Norte, fica a onda mais mediática e cosmopolita de todas as que integram a Reserva. Situada num vale com uma praia de areia no centro, onde desagua uma ribeira, a sua configuração geográfica é a de um anfiteatro natural, ideal para a realização de eventos de surf. Não por acaso, tiveram aqui lugar os primeiros campeonatos nacionais e internacionais realizados em Portugal. Ribeira d´Ilhas é uma longa direita de pointbreak – significando que as ondas acompanham o contorno da costa – que recebe todo o tipo de ondulações e funciona em todos os tipos de maré, sendo a onda mais consistente da região. Com ondulações de W/NO Ribeira d'Ilhas pode proporcionar direitas de até 200 metros de comprimento. Onda muito valiosa e competitiva, pois permite os mais diferentes níveis de abordagem por parte dos surfistas.

Tipo de onda: direita comprida
Tipo de fundo: rochas e recife
Condições de maré: todas as marés
Condições de ondulação: todas as ondulações – condições ideais com O/NO
Condições de vento: de qualquer quadrante – condições ideais de SE a NE
Consistência: + + + + +
Ângulo de rebentação: 55°
Comprimento da linha de rebentação: 150 a 300 metros
Altura das ondas: 0,5 a 3,5 metros
Tipo de rebentação: progressiva/mergulhante
Nível de prática LIVRO7: 4 – Surfistas capazes de executar take-offs logo de lado, num só movimento, para a direita e para a esquerda em ondas não rebentadas, e capazes igualmente de suportar quedas em ondas poderosas de até um metro.


Fotos: R. Bravo

BAÍA DOS DOIS IRMÃOS

Com uma caminhada de dez minutos pela falésia em direção a norte, chega-se à Baía dos Dois Irmãos, erroneamente referida pela generalidade dos surfistas como sendo "dos Coxos" (esta, na verdade fica um pouco mais a norte e não oferece boas condições de surf), embora constitua um erro assumido e comummente aceite. A baía é torneada pelo bordo de uma falésia com cerca de 60 metros de altura, e apresenta dimensões relativamente reduzidas, com cerca de somente 630 metros entre ambas as margens. Não existem estradas entre a baía de Ribeira d´Ilhas e a Baía dos Dois Irmãos, sendo o acesso feito somente por via pedonal através de uma zona livre construções por sobre a arriba. Na Baía dos Dois Irmãos, encontramos três das ondas mais emblemáticas e desafiadoras da Reserva.

CAVE

No flanco sul da Baía dos Dois Irmãos, com um ângulo de costa ainda virado a sul, encontramos a Cave. Esta direita poderosa só começou a ser surfada recentemente, tendo ganho imensa notoriedade nos últimos anos devido à sua espetacularidade e perigos que envolve. É extremamente radical, tubular e arriscada. Parte sobre uma súbita placa de recife que não conecta com terra, localizada a pouquíssima profundidade. A sucção de água da base da onda em direção ao seu topo é tão intensa que esta parte abaixo da linha de água – daí a sua designação – com o tubo que aí se forma a tornar-se progressivamente mais oco, largo e plano à medida que a onda se aproxima do seu fim. A Cave deve ser exclusivamente utilizada por surfistas muito experientes, e mesmo a estes é aconselhável o uso de proteções.

Tipo de onda: direita rápida, tubular, rasa e muito perigosa
Tipo de fundo: recife
Condições de maré: maré cheia
Condições de ondulação: NO/N
Condições de vento: de SE a NE
Consistência: +
Ângulo de rebentação: 27°
Comprimento da linha de rebentação: 30 a 70 metros
Altura das ondas: 1,0 a 2,5 metros
Tipo de rebentação: mergulhante/de fundo
Nível de prática LIVRO7: 7 – Surfistas capazes de completar, com controle e fluidez, diferentes combinações das 7 manobras na mesma onda e estar à vontade debaixo de água em ondas poderosas de pelo menos 4 metros.


Foto: R. Bravo


Foto: R. Bravo


Foto: A. Carvalho


Foto: Ricardo Bravo

Foto: André Carvalho

CRAZY LEFT

Junto à margem sul da baía, encontra-se a Crazy Left, um pointbreak que apenas rompe bem com ondulações de N e NO. Estando demasiado exposta ao vento norte, não é uma onda muito consistente em termos de qualidade, mas quando reúne as condições ideais as suas paredes são rápidas e tubulares, com várias secções que proporcionam grandes velocidades. Por se situar numa zona de escoamento de água da baía, só recebe ondulações em condições perfeitas acima dos 2 metros.

Tipo de onda: esquerda rápida, comprida e tubular
Tipo de fundo: recife
Condições de maré: meia maré enchente
Condições de ondulação: N/NO
Condições de vento: de SE a NE
Consistência: + +
Ângulo de rebentação: 40°
Comprimento da linha de rebentação: 80 a 120 metros
Altura das ondas: 0,5 a 2,5 metros
Tipo de rebentação: mergulhante
Nível de prática LIVRO7: 6 – Surfistas com capacidade de completar com controle as 7 manobras e estar à vontade debaixo de água em ondas poderosas de pelo menos 2 metros.





Fotos: A. Carvalho

COXOS

Inserida numa paisagem que se mantém imaculada desde que começou a ser frequentada, no princípio dos anos 70, a onda dos Coxos é aquela que melhor simboliza o espírito dos surfistas locais e os valores pelos quais a Reserva Mundial de Surf se rege: proteção, preservação, sustentabilidade. É formada por um recife cuja batimetria apresenta um declive suave e uniforme até meio da baía. Tem uma clássica configuração de pointbreak, com a sua linha de rebentação a acompanhar o contorno da costa do início ao fim. É sempre uma onda forte que apresenta diferentes secções e que trabalha com variadas direções de ondulação, sendo que em condições ideais proporciona tubos de vários segundos de duração. A dedicação dos locais a esta onda foi a faísca inicial que despoletou todo o processo de candidatura a Reserva Mundial de Surf.

Tipo de onda: direita comprida e potente, com várias secções tubulares
Tipo de fundo: recife
Condições de maré: maré vazia a meia maré enchente ou vazante
Condições de ondulação: todas as ondulações – condições ideais com O/NO
Condições de vento: de SE a NE
Consistência: + + + +○
Ângulo de rebentação: 40º
Comprimento da linha de rebentação: 150 a 300 metros
Altura das ondas: de 0,5 a 3,0 metros
Tipo de rebentação: mergulhante
Nível de prática LIVRO7: 6 – Surfistas com capacidade de completar com controle as 7 manobras e estar à vontade debaixo de água em ondas poderosas de pelo menos 2 metros.


Foto: A. Carvalho


Foto: A. Carvalho


Foto: R. Bravo


Foto: Ricardo Bravo

SÃO LOURENÇO

Deixando a Baía dos Dois Irmãos para trás, e caminhando alguns minutos no sentido norte, iremos encontrar a praia de São Lourenço, sita numa baía de largas dimensões, com cerca de 1,2 km de largura. Junto ao seu centro, a cerca de 300 metros da praia, fica a onda de São Lourenço, propriamente dita, a última daquelas que integram a Reserva. Estas direitas partem sobre um planalto rochoso, formando ondas rápidas e com muita massa de água, devido ao seu pico estar localizado a uma considerável distância da praia. É normalmente surfada na meia maré e precisa de ondulações de N/NO, associadas a vento do quadrante leste.

Tipo de onda: direita potente com várias secções que recebe ondulações maiores
Tipo de fundo: rochas, areia e recife
Condições de maré: meia maré
Condições de ondulação: N/NO
Condições de vento: De SE a NE
Consistência: ++++
Ângulo de rebentação: 50º
Comprimento da linha de rebentação: 50 a 150 metros
Altura das ondas: de 0,5 a 4,5 metros
Tipo de rebentação: progressiva /mergulhante
Nível de prática LIVRO 7: 5 – Surfistas capazes de executar curvas S e floaters de junção e de suportar quedas em ondas poderosas de até metro e meio.













Fotos: Ricardo Bravo



CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ZONA ABRANGIDA PELA RESERVA MUNDIAL DE SURF DA ERICEIRA

POR SOFIA SANTOS E NUNO SOARES – CÂMARA MUNICIPAL DE MAFRA

A importância dos valores ecológicos presentes na área da Reserva Mundial de Surf da Ericeira está visível no facto deste território integrar uma zona de Rede Natura 2000, designada como Sítio de Importância Comunitária PTCON0008 – Sintra-Cascais. A criação da Rede Natura teve como principal objectivo assegurar a biodiversidade, no território da União Europeia, através da conservação dos habitats, da fauna e da flora*. De modo a assegurar os objectivos de conservação da biodiversidade, foi publicado o Plano Sectorial da Rede Natura, que vincula as entidades públicas, devendo as medidas e orientações ser inseridas nos planos municipais de ordenamento do território, designadamente na revisão do Plano Director Municipal (PDM).
Na área abrangida pela Reserva Mundial do Surf, assinalam-se três habitats naturais:

- Arribas com vegetação das costas mediterrânicas com *Limonium spp* endémicas;
- Matos termomediterrânicos pré-desérticos;
- Dunas Litorais com *Juniperus spp.*

Associadas a estes habitats destacam-se as seguintes espécies da flora e da fauna:

- Arribas litorais com vegetação halocasmófila com *Limonium* e *Armeria* endémicos;
- Zimbrais e carrascais (*Juniperus turbinata subsp. turbinata e Quercus coccifera subsp. Coccifera*);
- Matagais e matos meso-xerófilos mediterrânicos, sobretudo os carrascais, tojais e tomilhais;
- Lagarto-de-água (*Lacerta schreiberi*);
- Cágado-comum (*Mauremys leprosa*);
- Lontra (*Lutra lutra*).

Na área da Reserva Mundial, a rede hidrográfica integra as zonas finais das bacias hidrográficas do Rio Cuco, do Rio Safarujo e de algumas pequenas ribeiras.
Geologicamente*, o leito destes rios é caracterizado por depósitos de aluviões, constituídos principalmente por areias e cascalheiras, ou por depósitos de areias de praia.

Para além destes depósitos, verificam-se neste território as seguintes formações:

- Afloramentos do Cretácio Inferior, constituídos por argilas e grês escuros, calcários brancos ou amarelados e calcários margosos com intercalações de argila cinzenta.
- Formações do Jurássico Superior, constituídas por grés e argilas, grés brancos e amarelos com troncos de vegetais fósseis, calcário cinzento com restos de troncos, grés cinzento e avermelhado com restos de troncos e calcário gregoso.

A Reserva Mundial de Surf insere-se na unidade de paisagem "Oeste Sul: Mafra – Sintra"**.
Esta unidade caracteriza-se pela "forte relação com a presença do Oceano e da costa rochosa, onde as altas escarpas alternam com manchas de areal, em pequenas enseadas encaixadas entre arribas, associadas à foz de pequenos cursos de água. No alto das arribas localizam-se alguns campos agrícolas, delimitados por muros de pedra seca ou por sebes vivas e mortas de cana que as defendem dos ventos marítimos e que conferem à paisagem um carácter singular com um forte cunho agrícola"**. Nos últimos anos, a identidade desta unidade de paisagem, com uma faixa litoral de grande sensibilidade ecológica e cultural, tem vindo a ser moldada pela expansão urbana e das infra-estruturas que a acompanham, bem como por algum abrandamento da actividade agrícola no tecido mais rural.
Preservar e manter a integridade ambiental da Reserva Mundial de Surf tornou-se um objectivo complementar aos objectivos estratégicos da Câmara Municipal de Mafra. Com isso há uma expectativa em relação ao futuro e à possibilidade de consolidar o crescimento urbanístico da área envolvente à reserva, tornando esta zona do concelho e do país um exemplo de desenvolvimento sustentado e harmoniosa interacção entre o Homem e a Natureza.

* CMM; Plano de Pormenor de Ribeira de Ilhas

** Cancela de Abreu et al.; "Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental"; Universidade de Évora | DGOTDU



Foto: Ricardo Bravo

World Surfing Reserves

VILA DE MAFRA

FICHA TÉCNICA

Para a concretização deste livro que assinala a consagração da Ericeira a Reserva Mundial de Surf contribuíram voluntariamente as seguintes pessoas e instituições:

Editor: João Valente
Design e direcção de arte: André Carvalho/Goma
Fotografia: Ricardo Bravo, André Carvalho, Charliephotos.com, arquivo da Câmara Municipal de Mafra, arquivo da revista SURFPortugal

Foto de capa: Ribeira d'Ilhas
Foto de contracapa: Tiago Pires, Coxos
Crédito das fotos: Ricardo Bravo

A Reserva Mundial de Surf da Ericeira é o resultado de um longo somatório de esforços e colaborações individuais e coletivas. Assim, um agradecimento especial é devido a todas as pessoas e organizações, locais e internacionais, que contribuíram para que a Reserva Mundial de Surf da Ericeira, bem como este livro, se tornassem uma realidade.
Para mais informações sobre as Reservas de Surf Mundiais e como apoiar a causa das WSR, visite worldsurfingreserves.org.

© Câmara Municipal de Mafra, 2011

ERICEIRA

FREGUESIA DE SANTO ISIDORO
1732

FREGUESIA DE ENCARNAÇÃO

ERICEIRA SURF CLUBE

ASSOCIAÇÃO AMIGOS DA BAÍA DOS COXOS

SAVE THE WAVES COALITION
PROTECTING OUR COASTAL HERITAGE

SQS
Salvem O Surf

NATIONAL SURFING RESERVES

UNITED DESIGNERS

SURF PORTUGAL



World Surfing Reserves